

Juros criam impasse entre o Brasil e credores



Mailson, ao lado de Antônio de Oliveira Santos, disse que o orçamento unificado será cumprido

EBN

Nova Iorque — Brasil e bancos credores, principalmente europeus, se encontram num impasse no comitê de assessoramento da dívida externa brasileira que congrega 14 bancos credores sob a chefia de William Rhodes, do Citibank. Segundo um banqueiro americano, "os europeus não se convencem que o Brasil não pagou os juros deste mês ainda e não querem mais nem conversar com o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, se o Brasil não der logo uma solução para o problema".

O banqueiro se refere aos aproximadamente US\$ 455 milhões devidos pelo País na dívida de médio e longo prazo, desde o início do mês. Os banqueiros também não acreditam até o momento num empréstimo ponte do Governo americano. "A Argentina, que foi ao FMI, não está conseguindo este empréstimo, porque o Brasil havia de conseguir? Eu duvido. Poderia ser e seria uma solução parcial para o problema dos juros e as coisas se inverteram. Agora, são os bancos americanos que são os mais moderados e querem a continuação das negociações", continuou o banqueiro americano.

Suplentes

Enquanto o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, foi a Washington, o diretor da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, voltou a se encontrar com os banqueiros do comitê credor na parte da tarde. Muitos banqueiros, no entanto, mandaram seus suplentes para esta reunião. Um banqueiro americano revelou ainda à Agência Globo que "o Brasil está querendo refinarçar dois terços da dívida de médio e longo prazo este ano", o

que daria cerca de US\$ 3,5 bilhões só para 1988 em refinanciamentos e pedido de dinheiro novo. O mesmo banqueiro revelou ainda que "não acredita em rebaixamento dos créditos brasileiros enquanto houver uma negociação e um esforço do País em tentar uma solução para o pagamento. Mas os bancos europeus, principalmente da Inglaterra e da Suíça, já gostariam de ver o pagamento dos juros de janeiro, não só pelo dinheiro em si, mas também porque significaria um fim total da moratória decretada pelo ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro".

Apesar do feriado de segunda-feira (dia de Martin Luther King) nos Estados Unidos, Brasil e bancos credores têm mais uma reunião marcada para a tarde do dia 18, quando esperam resolver o atual impasse dos juros deste mês. Esta primeira semana de negociações em Nova Iorque foi marcada pela pressão dos bancos em receber os juros referentes a janeiro e a posição brasileira de só pagar com novos financiamentos. Ontem terminou o primeiro prazo para o pagamento dos juros que automaticamente foi estendido até o dia 29. Pelo acordo provisório Brasil e bancos teriam que ter chegado a um acordo ontem. É aí que diferem as interpretações. Pelo lado brasileiro, Milliet diz que "está liberado de pagar juros sem um acordo", enquanto os banqueiros credores alegam que "um acordo pode demorar meses e não querem esperar todo este tempo para receber juros correntes". Com as reservas brasileiras pouco acima de US\$ 4 bilhões, conforme o presidente do Banco Central, o montante poderá sair de uma terceira fonte que não Brasil ou bancos credores.